

XXXIV Encuentro Arquisur.
XIX Congreso: “CIUDADES VULNERABLES. Proyecto o incertidumbre ”

La Plata 16, 17 y 18 de septiembre.
Facultad de Arquitectura y Urbanismo – Universidad Nacional de La Plata

EJE: Investigación
Área 3 – HISTORIA DE LA ARQUITECTURA, LA CIUDAD Y EL TERRITORIO

O BECO E A METRÓPOLE OU O BECO X A METRÓPOLE

Beatriz Beltrão RODRIGUEZ ⁽¹⁾

Mestre em Ciências da Arquitetura- Programa de Pós Graduação em Arquitetura/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro / Av. Pedro Calmon, 550/sl. 433 - Prédio da Reitoria, Ilha do Fundão - Rio de Janeiro - RJ 21941-590 / Brasil

bia_beltrao@yahoo.com.br ⁽¹⁾

Resumo: Investigaremos vestígios urbanos sobreviventes à atualidade diante de expressivas malhas urbanas que cresceram ao seu lado. O objetivo principal do estudo busca entender o significado dos becos na metrópole, especialmente, no imaginário da comunidade e do indivíduo e as possíveis razões que os mantiveram vivos no transcorrer dos séculos, desvendando assim a representatividade desses ambientes urbanos na metrópole. Ao mesmo tempo, pretendemos demonstrar os papéis que os becos atuam sobre a metrópole, como a sociedade moderna e aqueles indivíduos não tão modernos usufruem dele; desvendando possíveis explicações de como eles sobreviveram à modernidade. Para essa análise, buscaremos suporte em pesquisas do Programa de Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Proarq) usando como foco principal os resultados da dissertação de mestrado “Beco”. A formação do pensamento baseia-se em análise de fontes primárias e secundárias, estratégias interpretativas históricas e aplicação de métodos comparativos. Como resultado propomos desvendar o papel contemporâneo do beco junto a metrópole sob uma ótica teórica e historiográfica, descobrindo se ele se adaptou a modernidade ou se foi mantido como abrigo àqueles com mal-estar da modernidade; ou se ao se adaptar a modernidade, tornou-se a metrópole transvestida de beco acabando com suas características fundamentais.

PALAVRAS-CHAVE: BECO, METRÓPOLE, MAL-ESTAR, MODERNIDADE, MÁQUINA.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe estudar determinados vestígios urbanos sobreviventes à atualidade diante de expressivas malhas urbanas que cresceram ao seu lado. Mas antes de qualquer explicação, estabeleceremos desde já que o vestígio que estamos estudando – o beco – é um fragmento urbano remanescente de uma cidade remota, que está ao lado da contemporânea cidade grande, a metrópole, que cresceu rapidamente a partir das incorporações das noções de modernidade introduzidas à sociedade.

Nosso trabalho sugere interpretar o significado deste lugar urbano guiado por algumas facetas, a princípio, paradoxais, mas que se completam se bem observadas por nosso abstrato caleidoscópio teórico. O beco trabalhado é aquela típica ruela bastante

estreita e muito adensada, na qual há o predomínio do transeunte em relação ao automóvel, imersa em cidades que cresceram a sua volta.

No próprio beco, ocorreram as modificações da modernidade, afinal, algumas composições arquitetônicas foram substituídas ao logo do tempo e outras cresceram em suas vizinhanças, mas as visões ou interpretações básicas sobre os lugares mantiveram-se até então: podendo ser vistas tanto como lugares de refúgio ou de marginalização.

O objetivo principal do estudo busca entender o significado dos becos na cidade, não só fisicamente, mas, especialmente, no imaginário da comunidade e do indivíduo; como a sociedade o enxerga metaforicamente (ou sentimentalmente) e as possíveis razões que os mantiveram vivos no transcorrer dos séculos, desvendando assim a representatividade desses ambientes urbanos na grande metrópole.

Ao mesmo tempo, pretendemos demonstrar os papéis que os becos atuam na metrópole, tanto como a sociedade moderna e capitalista usufrui deles, assim como os indivíduos não tão modernos; desta maneira, tentamos desvendar possíveis explicações de como eles sobreviveram à modernidade e em que lugar eles ficam diante das às vezes bruscas e outras vezes constantes mudanças por que a cidade passou.

Ou seja, simplificando, iremos lidar com o Beco x Metrópole e como a sociedade expressa no íterim urbano às mudanças ocorridas devido à modernização da cidade grande e como o beco permaneceu até a atualidade. Para essa análise, buscaremos suporte em pesquisas que vem sendo investigadas junto ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Proarq) e como foco principal os resultados da dissertação de mestrado “Beco”.

A formação do pensamento e das ideias é fruto da análise sobre fontes primárias – através dos dados históricos expostos em arquivos oficiais – até as secundárias – apresentadas nos periódicos e em obras literárias ou cinematográficas. A intenção será explorar as fontes e extrair aquilo que elas expõem sobre a relação da sociedade com os becos; ao mesmo tempo, contextualizar acontecimentos significantes da cidade com intervenções por que os becos estudados passaram. Também, utilizaremos os suportes conseguidos através das estratégias interpretativas históricas, as quais exploram os fenômenos físico-sociais de forma holística. Sempre desenvolvendo analogias com o passado e sua situação atual, formando relações e definições, assim como, a aplicação de métodos comparativos para estabelecer contrapontos e reforçar (ou não) as definições pré-determinadas.

Como resultado propomos desvendar o papel contemporâneo do beco junto a metrópole sob uma ótica teórica e historiográfica, tentando descobrir de ele se adaptou a modernidade ou se é mantido na cidade como abrigo para aqueles que sentem um mal-estar ao viver na modernidade. Ou talvez, se ao se adaptar a modernidade, tornou-se a metrópole transvestida de beco acabando com suas características fundamentais.

1 AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES URBANAS

Para embasar nosso estudo, propomos iniciar este texto referenciando o lugar onde nosso material de trabalho está imerso e como o influencia. Então, começaremos analisando a cidade grande: a metrópole. A metrópole que escolhemos observar é o produto atual da evolução da modernidade, principalmente decorrentes da Revolução Industrial, da Revolução Francesa e dos ideais que modificariam a estrutura da sociedade e o ambiente urbano a partir do século XX em diante.

Em destaque, lembramo-nos da autora Sandra Pesavento (2002) que estudou o caso de Paris quando sofreu grandes transformações urbanas no século XIX. As renovações urbanas ocorreram na diligência de Carlos Luís Napoleão Bonaparte¹, que nomeou George-Eugène Haussmann como prefeito da cidade. De 1853 a 1870, Haussmann fechou e organizou a cidade, formando um imaginário de metrópole mundial

¹Carlos Luís Napoleão Bonaparte (1808-1873) foi o primeiro presidente eleito por sufrágio universal masculino imperador de França, com o título de Napoleão III.

para o século XX. Acreditava que a cidade necessitava de uma reforma para adequar-se e representar o apogeu moderno: mercadológico e capitalista.

Segundo Pesavento (2002), para demolir tantas ruelas, Haussmann precisou demonstrar à sociedade parisiense que sua cidade não mais funcionava do jeito que estava e precisava de um auxílio urgente (a reestruturação) para sobreviver ao tempo. Muitas das ruelas da cidade eram realmente insalubres, tinham infestações de ratos e doenças as quais matavam muitas pessoas. Afinal, é resultado de uma cidade que crescera desestruturada. A “nova” Paris reorganizada e aberta dirigia-se a estrutura de metrópole cosmopolita que seduziria o mundo.

Estamos aqui exemplificando o caso de Paris, mas também outras metrópoles passaram pelo mesmo processo de renovação, como as capitais da Europa em geral e até os Trópicos. Tempos depois as grandes cidades tornariam a se modificar, precisavam de ordenação. Isto devido ao crescimento exacerbado e a mescla entre cidade antiga e cidade moderna. Novas ideias deveriam ser implantadas para que as metrópoles funcionassem novamente. Além disso, novos ideais de modernidade começaram a serem pensados e aplicados. A cidade que antes era construída para as pessoas como transeuntes, agora passaria a ser revitalizada para a máquina – o automóvel.

A cidade moderna precisou esquecer-se do passado para se encaminhar para o futuro. O passado não estava mais ajudando a cidade a se encaminhar para o futuro. Aquilo que não mais parecia importante deveria dar lugar ao primordial. Isso custou à destruição de elementos urbanos tradicionais, mas ao mesmo tempo a nova metrópole ganharia novas feições e procuraria novos objetivos. O beco era sujo, escuro e detestável, não combinava com a iluminação da metrópole, estando fadado ao esquecimento ou a destruição.

2 A MÁQUINA E O CONSUMISMO

Essa sociedade metropolitana que estudamos é resultado da evolução do capitalismo contemporâneo, iniciado a partir da Revolução Industrial e uma vontade de tornar a cidade antiga em uma moderna. É uma sociedade estimulada a receber cobranças em troca de retorno financeiro. Quanto mais se trabalha, mais se é cobrado; vencem aqueles que têm maior produtividade versus menos tempo; e estes têm de se superar sempre, superar os próprios recordes, caso contrário, podem ser substituídos facilmente. Tão quanto a massa responde a favor da metrópole melhor será remunerada.

O capitalismo industrial, como sabemos, divorcia o homem que trabalha do trabalho que ele realiza, porque ele não controla o seu próprio trabalho e, ao invés disso precisa vendê-lo. [...] Uma multidão seria um exemplo primoroso; multidões são um mal, porque as pessoas são desconhecidas umas das outras. Uma vez tendo ocorrido essa modulação – o que é coerente também em termos emocionais, quando não em termos de pura lógica – para então sobrepujar o desconhecido, apagar as diferenças entre as pessoas, parece ser então uma questão de sobrepujar parte da enfermidade básica do capitalismo. A fim de apagar essa estranheza, tenta-se tornar a escala de experiência humana íntima e local: ou seja, torna-se o território local moralmente sagrado. É a celebração do gueto. (SENNETT, 1999, p. 359)

Sennett (1999) neste seguimento elucida tão bem essa ideia que o homem é subordinado ao trabalho. Essa sociedade sempre está a cobrar produtividade da massa. Assim, o trabalhador comum da metrópole vive para produzir e responder as demandas do capitalismo. O homem da massa passa a ser controlado pelas demandas da sociedade e perde, então, sua vontade individual. Gasta tanta energia para conseguir atender ao mercado, por necessidade de se sustentar, que não mais resta tempo de interagir. Ao mesmo tempo, a cidade construída transparece essa tônica impessoal. A cidade moderna promoveu uma nova dinâmica, na qual predomina a velocidade, a multidão e a grandiosidade. Andar pelas cidades deixou de ser um lazer e passou a ser uma obrigação: trabalho-casa e casa-trabalho. O indivíduo passou a ser acompanhado por muitos outros indivíduos, formando uma verdadeira multidão, mas que, de acordo com Pesavento (2002), seria uma multidão associada à solidão, decorrente da iminente modernidade.

Debord (2011) diz que a massa trabalha para manter a metrópole. Entende que o trabalho do indivíduo fomenta a cidade e transforma o homem em um operário, que procura sempre atender a demanda. Corroborando com Engels (CAMPOFIORITO, 1994), a paisagem ao observar as ruas da metrópole é monótona, sempre milhares de pessoas andando de um lado para o outro, fazendo as mesmas coisas, todos os dias da semana. A impressão é que, se por via das dúvidas alguém tropeçar e cair no chão, por ali vai ser pisoteado, porque ninguém anda observando a cidade e os acontecimentos das ruas, todos estão muito ocupados, aflitos com seu cotidiano, no que ainda devem fazer naquele dia.

A urbe não mais demonstra características de uma sociedade em específico, ou melhor, podemos dizer que representa sim uma nova sociedade: a sociedade universal e moderna. Nos períodos em que a vida pública está em erosão, esse relacionamento entre ação compartilhada e identidade coletiva desmorona. Se as pessoas nem estão falando umas com as outras nas ruas, como poderão saber quem são como um grupo (SENNET, 1999)? Como podemos reconhecer uma cultura pelas construções urbanas, se elas não têm características próprias?

3 MAL-ESTAR NA MODERNIDADE

Lembrando João do Rio (ANTELO, 1997), “a rua tem personalidade”. Ela nada mais é que a expressão da personalidade de um grupo, agregação ou sociedade. Desta maneira, nada seria do beco se ele não tivesse um personagem para dar vida a sua existência. Nosso personagem é um ser que nasce na metrópole, mas se angustia com ela e procura um esconderijo para sobreviver a ela: o beco. A sociedade modificou-se muito com a modernidade e o beco, que não era nada moderno, foi deixado para os indivíduos não tão modernos. De algum modo, a nova metrópole deixou este lugar esquecido, que passou (ou continuou) a ser utilizado por estes indivíduos que se incomodavam com a modernidade.

Mas aquele indivíduo que não se enquadra ao padrão da multidão sofre um mal-estar nessa metrópole. Mal-estar esse, não tão facilmente identificável, afinal, ele nasceu na metrópole moderna. Aquilo que foi estranho a Baudelaire, não o é, pois faz parte de sua história e cultura. Mas esse mal-estar, como bem explica Freud (2011), é proveniente de uma infelicidade conformada; porque a multidão se acostumou com isto. Então, para construir um bem maior, a modernidade precisaria destruir e se esquecer de muita carga cultural e humana (os não-modernos, os marginalizados, os pobres, os diferentes – a exceção).

Acreditamos que a cidade antiga tinha um tempo diferente do atual. As pessoas andavam de acordo com o tempo, mas agora elas correm contra o tempo. Aqueles que não se adaptaram são fadados ao esquecimento, à incapacidade, à vadiagem. E a urbe que restou é interpretada da mesma forma, inútil e desagradável. Para que preservar um beco sujo e velho? Ele não otimiza o tempo. Ele lembra o ócio. Queremos entender onde estão os moradores do beco. Se ele está abandonado é porque a sociedade não o compreende. E por que ele ainda está lá? Aí que entra a crítica! Entendemos que o beco, assim como outros antigos lugares da cidade, representa o descontentamento com a grandiosidade da metrópole. Quem sente aquele mal-estar na metrópole foge para esse esconderijo. Assim, podemos entender a permanência destes lugares na cidade grande. Ao mesmo tempo, a sua permanência evita o medo de perder o elo com o passado e se transformar completamente em metrópole.

Então, compreendemos que a sociedade cria um subterfúgio para se curar temporariamente do apavoramento que a corrida pelo tesouro provoca à *psiquê* dos desesperados. Aqueles que não se adaptam ao mundo, podem se proteger, se acalmar e relaxar no beco, em seguida, tomam fôlego e voltam à selva. O beco é território seguro nos

momentos de crise. A proximidade com a metrópole é um artifício de retorno, afinal, há algo nela que faz com que não eles consigam se desligar. Estes desesperados são um misto de beco e metrópole, só resistem ao viver nas duas.

De acordo com Vidler (2000), médicos de Berlim e Viena no final da década de 1860 começaram a estudar o distúrbio da agorafobia; mas só em 1871 foi publicado o primeiro estudo do psicólogo de Berlin, Carl Otto Westphal, que descreve os sintomas: “palpitações, sensações de calor, as pessoas ficava coradas, trêmulas, medo de morrer, timidez petrificante”. (VIDLER, 2000, p. 28 – tradução nossa) Esses sintomas são desenvolvidos quando os pacientes estão atravessando espaços abertos ou através de ruas vazias (como transeuntes) - grandes dimensões dos espaços urbanos; mas de alguma forma, se eles fossem acompanhados de outras pessoas o medo era aliviado.

Nos estudos de Vidler (2000), ele descreve os pensamentos de Benjamin sobre a *flanerie*, o ritmo de sonolência. A perspectiva das grandes cidades passa ser sufocante. A modernização estaria desprotegendo os claustrofóbicos das estreitas ruas da cidade, quando resolve destruí-las. Ao analisar ainda o mesmo autor, entendemos que os distúrbios sociais ocasionados pela modernização já eram estudados desde o início das grandes transformações urbanas. Ou seja, muitas pessoas não se adaptaram rapidamente as novas linguagens impostas pela sociedade e desenvolveram fobias aos novos espaços. Mas mesmo assim, não era uma fobia simplesmente do urbano, mas de um contexto que envolveria a nova cidade. Talvez o beco fosse o território desses doentes. Porque o beco é introspectivo e acolhedor; a reclamação dos agorafóbicos é a aridez e a multidão. Juntando esses argumentos com as poesias de Baudelaire, podemos o visualizar como um agorafóbico a nova Paris, quando expressa sua sensação de estrangeirismo em sua terra natal.

4 TRANSFORMAÇÃO DA VIDA SOCIAL EM UM TEATRO - CENÁRIO

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a *ilusão* é sagrada, e a *verdade* é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o *cúmulo da ilusão* fica sendo o *cúmulo do sagrado*. (FEUERBACH apud DEBORD, 2011, p. 13)

Debord (2011) explica que em seu todo, o espetáculo é tanto o resultado como o projeto de um modo de produção existente. Não está sendo acrescido ao mundo real, mas sim “o âmago do irrealismo da sociedade real”. O espetáculo irá ditar um modelo ideal de vida de uma sociedade na atualidade (através de propaganda, publicidade, divertimento, consumo, etc.), convencendo o indivíduo que sua escolha do modelo pré-estabelecido é uma afirmação divina (onipresente). Assim, a apresentação do espetáculo (forma e conteúdo) justificará as condições e os fins estabelecidos para fundamentação do sistema. Para que seja adorado deve ser baseado em uma “presença permanente” e de insistentes convencimentos e comprovações aos indivíduos ainda não modernos ingressarem nesse sistema.

A princípio, o espetáculo inicia sua dominação através de uma série de propagandas tão eficientes que promoveriam a felicidade a uma sociedade. Mas o que entendemos ao ler Sennett (1999) e Bauman (2001) é que se vende uma propaganda em troca de um aprisionamento. As pessoas, convencidas em adotar este sistema, acabaram sendo envolvidas e encarceradas nesta vida consumista. A maior parte das pessoas da sociedade parece se agradar com o sistema, afinal ele domina; mas quem não se adapta, acaba sofrendo e se sentindo reprimido². De acordo com Debord (2011), esse domínio do

² Mas, lembrando Bauman (2001), a proteção é o preço do aprisionamento.

espetáculo é como um transe hipnótico sobre uma sociedade; o mundo real se transforma em pura imagem, mas com o tempo as ações se tornam reais³, porque as pessoas começam a agir de acordo com o efeito desta hipnose. É assim que começa o controle sobre a sociedade. É pela dominação que o espetáculo se estabelece, usando o poder para converter. Sendo assim, ele relembra todas as outras formas de dominação, mas agora de forma diplomática (produz hierarquia por convencimento), ainda assim, aniquila e deporta seus opositores, como as anteriores.

Em Paris, as *passagens*⁴ se renderam a metrópole. Foram as ruas que restaram na cidade depois das reurbanizações, mas que, para sobreviver, precisaram se adaptar ao gosto da sociedade. Pesavento (2002) entende que as passagens que Benjamin estudara seriam ruas ocultas, escondidas, internas, vitrines protegidas contra o vento e a chuva. Assim, conclui que a “*sedução*” de Paris assume o seu caráter de “*fantasmagoria*” ou representação de “*corte benjaminiano*”, através do fetichismo e culto à mercadoria, desta maneira teria poder metonímico e metafórico para agir na transfiguração do real. Este é o caminho dos becos na metrópole (se entrar no transe).

Quando o beco se adapta a atualidade para sobreviver corre risco de virar a metrópole em dimensões menores. Assim, perde suas características culturais, sensórias ou poéticas. Ele perde seu lugar e se transforma numa simples rua estreita e inconveniente. E as motivações para acessar o beco passam a ser voltado à moda ou à mercadologia. A partir do momento em que os becos se tornam ruas mercadológicas, podemos entender que estão sucumbindo às materialidades do espetáculo e tornando o genuíno refúgio em uma modernidade disfarçada. Assim, nosso discurso se desfaz porque não mais existirá o refúgio e o vestígio da cidade dos becos se tornará um cenário diferente, mas que representa a mesma motivação que a metrópole.

A grande dúvida é se o objeto que estudamos permanecerá na cidade ou se tornará uma metrópole disfarçada. Muito já se perdeu. Será que ele conseguirá outro artifício para sobreviver? Procurará outro formato? Porque pelo que estamos vendo é muito mais fácil concordar com a metrópole do que ir contra ela.

5 O ESTRANHAMENTO À MODERNIZAÇÃO

A cidade foi crescendo com o tempo e cada vez de forma mais acelerada. Principalmente com a velocidade dos acontecimentos provenientes da modernidade, extrapolou-se o ritmo de vida de muitos indivíduos daquela época e provocou a muitos um estranhamento e falta de relação de pertencimento e identidade. Mas quando os becos não incomodavam e não estavam no caminho não eram arrasados, mas a perversidade do esquecimento provocou degradações irreparáveis. Em seguida, na atualidade, foi lembrado, sendo revitalizado e devolvendo um elo cultural com o passado.

O beco remete a uma cidade antiga com um ritmo mais lento que tem uma dinâmica diferente da modernidade. Lembra uma cidade mais calma e mais tranquila. Estando em uma metrópole, quando entramos em um beco, revisitamos uma cidade do passado adaptada à atualidade. Assim, o beco remanescente recebe com bom agrado àqueles que não se adaptam à dinâmica da cidade grande. Pensando nesses personagens deslocados podemos falar sobre Baudelaire, que passa a se sentir estranho em uma cidade que cresceu além dele. O beco devolve à sociedade características que a metrópole aparentemente perdeu com as grandes transformações urbanas em prol da modernidade.

Sobre um momento pelo qual Paris passou pelas grandes reformas idealizadas por Haussmann, Sandra Pesavento (2002) cita um pensamento de Baudelaire: “Como dizia

³ Os indivíduos desta sociedade começam a acreditar que a imagem é verdade.

⁴ Ruelas estreitas de Paris estudadas por Walter Benjamin em *Passagens*.

Baudelaire, para reconhecer Paris era preciso olhar para dentro, pois a paisagem externa mudara.” (PESAVENTO, 2002, p. 117). Ainda tomando como exemplo a mesma cidade de Paris, a mesma autora diz que Baudelaire não deixou de reconhecer a importância e benfeitorias das transformações, mas sentiu uma perda de referência e sensação de pertencimento, em uma Paris tão diferente após sua reestruturação. Apoiada em Gerard Gasarian⁵, interpretando *O Cisne*⁶, Pesavento (2002) afirma que Baudelaire não corrobora uma postura de repulsa às transformações de Haussmann, mas sim um estranhamento e uma nostalgia da velha cidade (acabada), um sentimento de não-lugar, de falta de direção, de não mais pertencer ali. Ele não se reconhecer nessa nova urbe, afinal não mudou junto à cidade e se tornou um estrangeiro. O bucolismo teve fim, junto com a confusão das obras e a necessidade de deslocamento. Baudelaire sentiu-se como “alguém que se perdeu e não se encontra mais” (PESAVENTO, 2002, p. 106). Daí a sensação de estranhamento com sua cidade natal.

Os becos estariam perdidos e espalhados nas megacidades do final do século XX – cidades grandes que, segundo Campofiorito (1994), parecem “pragas irremediáveis porque a sua complexidade desmascara a impotência tecnocrata do “planejamento físico-territorial” – de base neo-positivista, lógico-dedutiva e projetivista, vale dizer, imbuído de uma visão progressista e funcional da urbanização.” (Campofiorito, 1994, p. 219)

Desta maneira, entendemos que o beco deve estar imerso na metrópole, mas que também deve ser encarado como esconderijo de um indivíduo esquecido que não se acostuma com a demanda da cidade grande. Não estamos estudando um beco colonial, nem estamos estudando uma representação da modernidade, mas um vinculado ao outro, por isso a importância que observemos as metrópoles, afinal elas têm a cidade medieval salpicada na modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos do beco apesar da metrópole e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, o beco em virtude da metrópole. Percebemos que para que haja um equilíbrio, um precisa que o outro exista, apesar de serem ilustrações de realidades aparentemente opostas, planejamentos de cidades diferentes, ou, até mesmo, construções urbanas com séculos entre si, considerando as mais antigas como ultrapassadas em relação às outras, continuam condicionadas umas às outras.

A crítica maior deste trabalho é a perda das feições tradicionais do beco e a transformação de um espaço idêntico a uma avenida, mas com dimensões urbanas menores. Com a necessidade do beco se adaptar ao mundo atual, ele perde sua introspecção e seu jeito de esconderijo da “selva de pedra”. Mas nossa análise trabalha com a atualidade, então os momentos históricos estudados estruturam nosso pensamento e reforçam nosso discurso. Escolhemos trabalhar assim para descobrir as raízes das questões envolvidas.

Observamos que aquilo que mais motiva, valoriza e faz com que o beco se mantenha na cidade é sua diferença em relação à metrópole. O beco tem algo que a metrópole perdeu procurando a modernidade: são as sensações e lembranças do passado, marcadas no tecido urbano, tão presentes porque ele recorda as antigas histórias. O meio urbano perdeu seu caráter aconchegante, interativo e humano, mas nos becos nos lembramos dessas sensações.

Sempre trabalhamos com o beco vestígio e sempre colocávamos em questão porque ele ainda estaria por lá, será que teria sido esquecido? Se quisessem, poderiam ter

⁵ Gérard Gasarian - Professor de Francês, Mestrado de Lettres Modernes na Université de Paris, Sorbonne; com doutorado Francês na Universidade da Califórnia em Berkeley.

⁶ O Cisne - poema de Baudelaire do livro *As Flores do Mal*, 1857.

construído uma série de coisas novas, mas o deixaram ali. O beco ainda existente hoje por representar uma ligação do passado e ser o esconderijo contra o capitalismo – a metrópole.

Pudemos observar que o beco pode ser de várias formas: pode ser sombrio e misterioso ou tranquilo e pacato. Mas com a certeza que é um reflexo da sociedade e da comunidade, de como tratam a urbe. Só que a sociedade não abdica do beco diante da modernidade. Mas o beco adquire características das mais diversas.

Ao estudar os semblantes do beco, percebemos esse ambiente urbano pode representar em grande escala uma metrópole. Mais que um espaço geográfico, o beco é uma metáfora, às vezes do fundo do poço e às vezes de abrigo. Ao percorrer este caminho, entendemos que o trabalho não trata somente de estudar uma rua estreita, mais de um lugar específico e sua relação com a cidade grande, de como a comunidade trata desse local como refúgio ou como prisão. Então, não falamos de um beco qualquer, falamos dos becos escondidos nas metrópoles, pois um vive apesar do outro ou um sobrevive graças ao outro.

Observamos becos que se entregaram à mercadologia permitindo à metrópole entrar e dominar. Assim, deixou de ser genuíno quando passou a ser forjado e forçado. Se para usar esses lugares necessita-se de uma maquiagem completa, de uma farsa, aí já tornaremos esses vestígios em cenários. Isso não representa o que estudamos, afinal, o beco seria uma ponte com o passado, ou uma forma de se abstrair da metrópole, se ela invadir o beco, ele morre, entra no seu lugar um cenário que representa na verdade a metrópole. Até que ponto deve-se instigar a conservação do lugar através do modismo?

Logo, se para poder usar um beco para os padrões da moda é preciso destruí-lo, então ele já está morto. Isto será efetivado quando a metrópole vencê-lo e transformá-lo em um cenário oco (simulacro). A metrópole estará lá, escondida em fachadas antigas, aos poucos modificadas, e mudando principalmente seu uso para vigorar de acordo com a necessidade do momento, que, no caso, hoje o consumo. Estamos entregando nossos becos à metrópole e perdendo nosso refúgio para moda.

Assim, pudemos perceber que a sociedade é extremamente contraditória, convivendo com uma angústia, afinal a metrópole a atormenta, mas faz parte dela, e não consegue, por tanto, abandoná-la, mas precisa de uma área de descanso para se manter sã - essa área é o beco. E por fim, quando entregarmos os becos aos modismos, perderemos a batalha para a metrópole, transformando-os em ruelas estreitas e ocas que disfarçam a metrópole dentro de fachadas antigas, com um falso artifício de preservar cultura e a história.

Quando a sociedade moderna insistiu em se voltar para o futuro e esquecer-se da pequena cidade antiga, destruindo, abandonando os vestígios do passado, ela estaria destinado o final de tudo que não reforçasse seu sistema. Ao mesmo tempo, quando pensa em resgatar o beco, usa isto como um artifício de detonação desse vestígio de antiguidade, para reforçar a modernidade. Assim, quando a metrópole entrou no beco, o transformou em um cenário que esconderia a verdadeira metrópole sobre feições de beco. Mas aí ficaria a dúvida, e será que o beco estaria fadado ao extermínio conceitualmente? O beco vence ou perde na luta com a metrópole?

A cidade esparsa e pequena se tornou a metrópole e a rivalidade com os lugares que não reforçassem sua importância geraria um grande descompasso: a metrópole sempre predominaria e o refúgio cada vez mais se enfraqueceria. Nunca estariam em equilíbrio. Mas talvez esse desequilíbrio determinasse a preservação do refúgio (escondido). O beco vai sempre fugir da modernidade e assim mudar de lugar. E desta maneira, fica a pergunta: o conceito do beco se perdeu, transformando-se em um reflexo

da metrópole ou migrou para outros lugares? Verdade não temos, mas acreditamos que os refúgios estão migrando e até se tornando transparentes ou invisíveis, alcançando não mais um lugar concreto, mas procurando outros caminhos para permanecerem vivos e escondidos. Desta maneira, o beco, referência de esconderijo ou prisão, agora não precisa mais usar necessariamente um ambiente construído para sobreviver, basta buscar alternativas para manutenção do conceito, tendo como suporte aqueles indivíduos incomodados com a metrópole.

BIBLIOGRAFIA

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. *O spleen de Paris: pequenos poemas em prosa*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. BOLLE, Willi (Org.). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CAMPOFIORITO, Ítalo. *Enquete Tendenciosa*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 23, 1994.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Global, 1985.

_____; MARX, Karl. *Manifesto do partido comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização*. São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2011.

LE CORBUSIER. *O Urbanismo*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

RIO, João do; ANTELO, Raúl (org.). *A Alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as Tirantias da Intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VIDLER, Anthony. *Warped Space: Art, Architecture, and Anxiety in Modern Culture*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000.